

O Devir das Coisas: uma etnografia da trajetória social dos resíduos sólidos da Indústria Naval da cidade de Rio Grande¹

Carolina Hoffmann Fernandes Braga - PPGAnt UFPel/RS

Nesta pesquisa as teorias antropológicas que tratam da cultura material guiaram o trabalho de campo, onde a compreensão acerca da circulação dos artefatos, a partir de seu momento de descarte no polo naval da cidade de Rio Grande, se fez na observação das linhas ao longo das quais as coisas são continuamente formadas. Estas são temporais, "linhas de tornar-se". (INGOLD, 2013, tradução minha). Se devir é relacionado a estas mudanças pelas quais passam as coisas ou materiais, então busco aqui o tornar-se da materialidade em si: o devir das coisas.

O trabalho de campo foi orientado pelas técnicas da observação flutuante (PÉTONNET, 2008) e observação participante, seguida de anotações em diário de campo e, na busca por entender e descrever a dimensão sensorial das coisas materiais, incorporei o uso da imagem nesta pesquisa – o que pode ser considerado uma questão de método, também de ética, estética, linguagem e opção teórica que pretende delinear um campo de relações e continuidades entre as práticas discursivas. Deste modo, o uso da imagem é, principalmente, uma opção epistemológica que vem de encontro com os estudos dos materiais, deixando-os “falar por si” e permitindo nos aproximar das múltiplas formas de entendimento deste enigma que é a descrição dos materiais em seus fluxos vitais.

Não tenho a pretensão de realizar uma descrição densa, mas busco um exercício provocador pelo olhar mais simétrico. A intenção é trazer, além da mera descrição, uma observação crítica do conhecimento empírico vivido na observação do fluxo vital das coisas quando deixo o inesperado me levar, em uma observação flutuante. Imagens me ajudam a refletir e afetam as observações e relações, assim como as coisas. Sempre lembrando que nenhuma descrição é inocente de teoria (INGOLD, 2013, tradução minha), mas pela mesma razão, nenhuma transformação genuína nos modos de pensar e sentir é possível que não seja baseada na observação rigorosa e atenta.

¹ Trabalho apresentado na 30a Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB

Referências Bibliográficas:

INGOLD, Tim. **Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture.** Routledge, Londres, 2013.

PETONNET, Colette. **A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense.** Antropolítica, Niterói, n.25, p.99-111, 2008.

SIMÕES, Soraya Silveira. **Observação flutuante: uma observação “desendereçada”.** Antropolítica, Niterói, n.25, p.193-196, 2008.